

# VÉUS SEUS

**Jonas Samudio**

Jonas Samudio é escritor e estilista, dedica-se às relações entre mística e feminino, tecidas no corpo e na escrita. Formado em Filosofia, Teologia e Letras, atualmente é doutorando em Estudos Literários (UFMG). Publicou *A mais aberta* (Cas'a Edições, 2017) e *Mão de fora e suas histórias*, com ilustrações de Kleriston Kolive (Edição do Autor, 2017) e *Pétala pele* (Cas'a Edições, 2019). Os textos apresentados nesta edição da *Em Tese* são inéditos.

é minha a prece padecendo o corpo

a linha a palavra, diz eufêmea

e te apareço

esta chaga ela em que

meu corpo sobra

ela nudez

deitada em tuas mãos

sob um véu sem número ele quase ela

os púrpuros os rasgos

por corpo um pequeno vão a passagem o pérvio

a ofegância

a rubra rosácea os ângulos  
nosso sexo partido, acrescentou ela

o que não nos cabe é aragem na ponta da língua

a tua incandescente  
solidão em pé

padecer o dom, diz, e mais

quando me entras em ti me ausento tudo se faz tua  
sintaxe

o dia a noite o atrás do véu a oferta ainda o dom um  
envelope antigo aqui em branco

nosso corpo, eufêmea diz, sob ele é um corpo amplo  
perdendo

a nossa oferta é sofrer o sexo o dia a noite

e me estremeço no véu do teu corpo adenso

é toda a tua

que recebo

o que colho o que persiste

deitado

ao redor da borda a língua o véu de vento  
 corola volva umidade

a visão vigora gozo  
 pistilos estames  
 membrana fraca  
 visco e gotas

recostada eufêmea abandona um ramo vivo de alecrim  
 entre as pernas, e diz

vê  
 meu umbigo  
 taça que não preencho  
 caindo

ao que ouve

joelhos braços aréola pescoço cabeça

meus cabelos me ligando  
 a tudo

um múltiplo nome de  
 ar busto perfume, registrou  
 com saliva amena

a parte da sombra

lábios de água fora da pele  
 num jogo outro

amaciando panos  
 ao longo do corpo

ela o recebe  
 entre dentes quase abertos dando  
 franjas a vistas transparentes  
 amontoadas

estreitas

sobre o olho  
 véus mordendo a carne

não o sabemos, diz

a imagem recostada entrevista pela ponta da semente

sensuais somos, reza  
 engolindo pérolas

e pegando a semente branca  
 ela olha através

de cacos  
suspensos de vidro

aqui me atravessa a transparência, diz, com mãos úmidas

e aponta a vela  
em fogo e chama assinalada  
a ponta

que na pele começa

nesse lugar a palavra acato

segue-me  
retesa o arco

deslizando  
esvoace adentro

a saliva fazendo liame

aberta tão frágil  
dobra de véus elevada esfera  
fluxo do furo  
em gotas uma tão doce espera

íris castanhas nuca áspera  
jovial corpo com pelos tão logo a  
língua nos pelos  
molhada língua nos pelos absorto  
nariz nos pelos  
o corpo tão tomado entregue ele  
mínimo muito sempre tão pouco montículo de grama

na boca  
serena ardente um  
pequeno resto de pele fora

da bainha das saias

eufêmea destacada passando já se cansara e passava, e  
disse  
talvez

seja melhor ser  
envolta em seus véus  
antes de  
escorrer